



A Permuta

ORGÃO INFORMATIVO DA
SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA

PORTO



Nº 127 / 128
Maio / Dezembro 10

ISSN 0871 3421



A Permuta

Nº 127 / 128

Maio / Dezembro 10

ORGÃO INFORMATIVO DA
SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA

PORTO



A Permuta
Nº 127 / 128
Maio / Dezembro 10

ORGÃO INFORMATIVO DA
SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA
PORTO

FICHA TÉCNICA

A Permuta

Orgão informativo de distribuição gratuita

Periodicidade Quadrimestral

Edição da:

Sociedade Portuguesa de Numismática

Director:

Dr. Henrique Nogueira

Sede do editor:

Rua Costa Cabral, nº 664 - 4200-211 Porto

Contactos:

Telf. e Fax: 22 509 60 29

Email: sppnumismatica@sapo.pt

Nº de pessoa colectiva:

501 294 155

Design e paginação:

Purpura - Design e Comunicação

Tiragem:

700 exemplares

Depósito Legal nº 29 367/89

ISSN 0871-3421

ICS (106479)

SUMÁRIO

Uma Moeda... Uma Medalha	3
O misterioso “A” do Espadim mais uma achega	5
Um turista... Na Antiguidade	9
O Banco Comercial do Porto	15
O Ródio Monetário	18
Ensaio inédito de 500 Réis de D. Carlos em prata... ..	27
Legislação	29

Uma Moeda... Uma Medalha

por Henrique Nogueira



Na data em que escrevo está a ser cunhada uma moeda comemorativa do Bicenário das Linhas de Torres.

Em Outubro de 1808, Napoleão irritado com os sucessivos reveses em Espanha, decide invadir Portugal pela segunda vez.

Depois de uma campanha em que os franceses submeteram quase toda a nação vizinha, em Fevereiro de 1809, Soult entra por Trás-os-Montes, segue até Braga e surge diante da cidade do Porto onde na fuga, se dá o desastre da Ponte das Barcas.

Não vai mais além. Em meados de Maio, após vários desaires é obrigado a retirar por Montalegre, escapando ao cerco, abandonando toda a sua artilharia tal a precipitação na fuga.

Mas Napoleão não iria desistir de se apoderar de Portugal. Entretanto o nosso exército, com o enquadramento dos ingleses, vai-se reorganizando.

Wellington sabe que tem de defender a península de Lisboa. Decide levantar por alturas de Torres Vedras um campo entrincheirado.

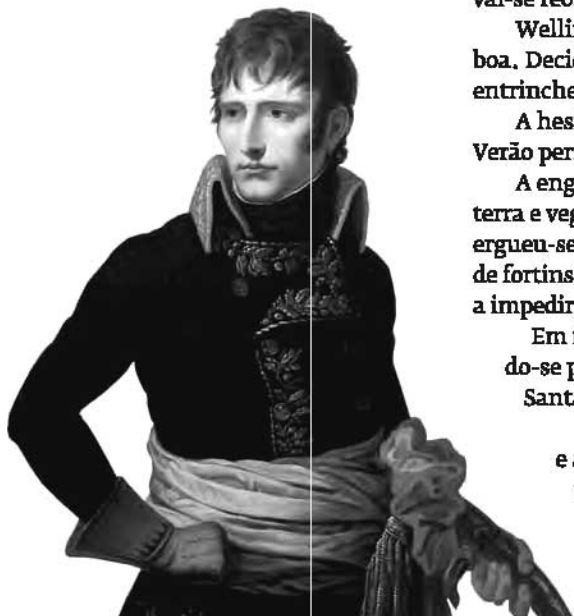
A hesitação de Napoleão procurando evitar os ardores do Verão permite a Wellington preparar a defesa.

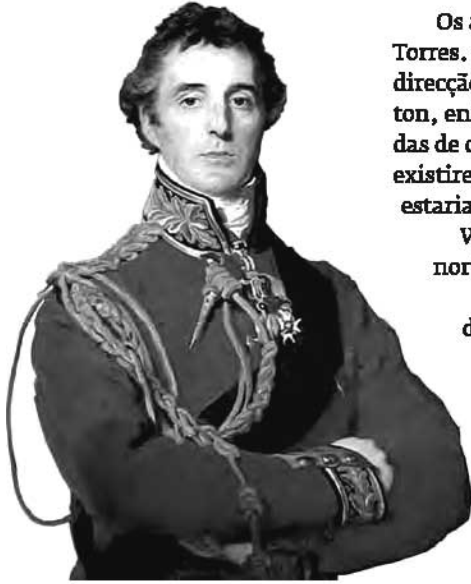
A engenharia militar trabalha arduamente. Com pedra, terra e vegetação, na maior discrição, numa frente de 70 Kms, ergueu-se uma construção efémera com três linhas paralelas de fortins bem artilhados, guarnecidos de homens, destinados a impedir a livre passagem dos exércitos franceses.

Em fins de Agosto, comandados por Massena, infiltrando-se pela Beira Alta, os franceses avançam por Viseu e Santa Comba em direcção a Coimbra.

Wellington obrigara as populações civis a segui-lo e a deixarem atrás de si só terra queimada. Toma posição no Buçaco e estabelece aí uma linha de combate.

No fim de Setembro, embora tentando tornear a posição, Massena é largamente castigado pelo exército Anglo-Luso.





Os aliados retiram ordeiramente para trás das Linhas de Torres. Os franceses tomam a estrada de Leiria e marcham em direcção ao sul. Dão então de caras com a nova posição de Wellington, entrincheirado por trás de centenas de fortificações, ericadas de canhões, bem abastecidos, defesas que ele não suspeitava existirem. Ainda tentaram atrair os aliados a terreno livre onde estariam em vantagem.

Wellington vê a sua situação reforçada com o desembarque a norte de tropas inglesas na Figueira da Foz.

Massena avalia a situação e verifica que lhe é totalmente desfavorável. Será impossível atingir Lisboa, e recua, retirando mais tarde em direcção a Salamanca.

As Linhas de Torres tinham cumprido o seu papel. Que ficou destas estruturas? Com a colaboração de uma plataforma intermunicipal, o IPAAR, particulares e o exército, os arqueólogos fazem o possível por restaurar algo que se degradou ao longo de duzentos anos. Espera-se que fiquem alguns circuitos turísticos e centros interpretativos.

Tal como há duzentos anos com a cunhagem de uma medalha apresentando Wellington em hábito militar e uma alegoria ao rio Tejo, vai ficar esta moeda da autoria de João José de Brito, uma das mais belas dos últimos anos, com a figura de um artilheiro e do seu canhão, em uniforme da época, homenagem que é também ao Exército Português.



O misterioso “A” do Espadim... mais uma achega

por Atanagildo Lobo

Na Permuta nº 120 de Janeiro/Abril de 2008 apresentamos um artigo sobre o misterioso “A” do *Espadim*, para o qual remetemos o leitor, em que defendemos a tese que aquela letra, se do ponto de vista da política externa significava a tomada e domínio de Alcácer-Ceguer, o ponto de partida da grande jornada africana e da procura da glória do passado e dos grandes feitos medievais, do ponto de vista da política interna o “A” do *Espadim* seria uma marca comemorativa dos dez anos da vitória do partido feudal de D. Afonso V em Alfarrobeira contra as tropas do seu tio, ex-regedor do reino, D. Pedro, como uma advertência para a possibilidade da utilização de medidas repressivas, caso necessário fosse, no surgimento de focos de revolta popular e protestos em consequência da degradação das condições sociais e do aumento progressivo do descontentamento que se fazia sentir no povo e na burguesia.



Cidade romana de Secobirices

A vida tem destas coisas, destes exíguos acasos que lhe dão um sentido tão peculiar. Decorria o mês de Junho de 2009 e no aproveitamento de uma semana bondosa, resolvemos levar avante um velho e antigo desejo: conhecer um pouco da região de Castilla la Mancha.

Eram nossos objectivos principais, além da visita aos parques naturais das *lagunas de Ruidera* e das *Tables de Damiel*, a *Rota de D. Quixote* e, com profunda ligação à história e à numismática, as *tapeçarias de Pastrana* e a cidade romana de *Secobirices*.

Mesmo no outeiro do airoso e medieval “pueblo” de Pastrana situa-se a Colegiata de Nossa Senhora da Assunção. Supostamente residiriam ali as gigantescas tapeçarias que narravam as tomadas de Arzila e Tanger por D. Afonso V.

Ainda é uma incógnita a origem destes colossais monumentos têxteis e como ali foram parar. Dado tratarem-se de cenas dos acontecimentos político-militares mais importantes do reinado de Afonso V, sendo o conjunto têxtil a fisionomia do testemunho visual desses feitos e ser o superior exemplo para o século XV em Portugal e um dos mais exímios para o mesmo período europeu de temáticas respeitantes a actos heróicos coevos e, por fim, encontrar-se intimamente ligado à con-





Painéis de São Vicente



Panorâmica de Pastrana

6

títulos, o de 1º duque de Pastrana. Estas tapeçarias foram observadas por Faria e Sousa que sobre elas se pronunciou na *Epítome de las Historias Portuguesas* em 1628.

Sabe-se que em 1664 foram legadas à Igreja da Colegiata de Patrasna por um filho do duque de Pastrana, D. Frei Pedro Gonzalez de Mendonza y Silva.

Quando lá chegamos, recebemos a nefasta notícia de que as almeçadas tapeçarias não se encontravam na Colegiata, mas sim a serem objecto de restauro no «estrangeiro».

Foi um grande desapontamento e embora seja frase feita, é certo que foi assim que se sentiu este vosso amigo que, ao ir a Pastrana e não ver as tapeçarias, ficou como quando foi a Roma e não viu o Papa.

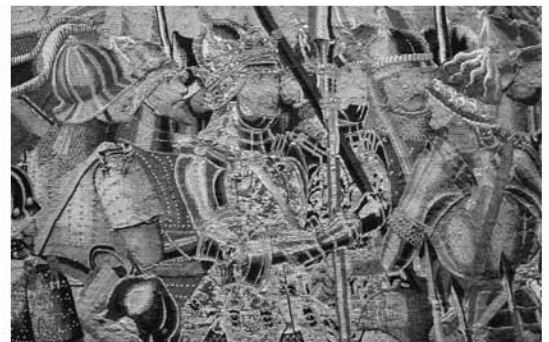
Mas no mundo há destas coincidências. No fim-de-semana de 2 e 3 de Outubro do corrente ano de 2010, Lisboa, por motivos pessoais, foi objecto de visita. No dia 3, era nosso propósito

troversar obra de pintura, os *Painéis de São Vicente*, encomendada pelo mesmo rei e com intuítos comemorativos análogos, parece que espelha, de facto, uma incumbência do rei de Portugal, D. Afonso V, junto da oficina flamenga de Tournai.

Já são mais obscuras as circunstâncias históricas concretas em que este conjunto de quatro tapeçarias foi levado para Espanha.

Este enigma junta-se assim, não só ao arcano que envolve as grandes obras, como se associa ao mistério do significado do "A" do *Espadim*.

A hipótese que reúne maior consenso é a de as tapeçarias terem sido doadas a D. Filipe II por Rui Gomes da Silva, que veio a ter, entre outros



Detalhe da conquista de Azila, tapeçaria de Pastrana





principal a visita ao Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA).

Qual não foi o espanto, quando o cartaz da fachada principal anunciava o prolongamento por mais um dia (precisamente o dia 3) da exposição «A Invenção da Glória – D. Afonso V e as tapeçarias de Pastrana».

Andáramos centenas de quilómetros para as observar e, sem contar, deparámo-nos com elas, naquele domingo chuvoso, ainda por cima, depois de restauradas em Lisboa, no MNAA. E o título «A Invenção da Glória» era verdadeiramente fantástico. Relembramo-nos de imediato do artigo da Permuta sobre o “A” do *Espadim* em que reflectimos profundamente sobre essa incessante busca de feitos de guerra, para aumentar a glória e a reputação de D. Afonso V.

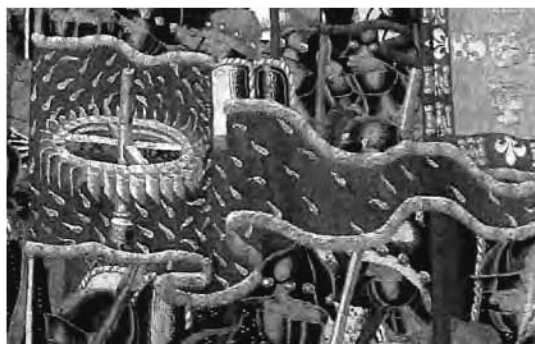
Para além das inigualáveis tapeçarias, admiramos ainda os não menos ilustres *Painéis de São Vicente*, atribuídos a Nuno Gonçalves.

Mas para o assunto em apreço, o que nos chamou verdadeiramente à atenção foi um Mármore cinzento de *Triaches* com 44 cm de diâmetro e 29 cm de profundidade, proveniente do Museu de Évora e que pertencera à antiga colecção de Frei Manuel do Cenáculo. Trata-se de uma “Chave de Abóbada” com effigie régia.

De alguma forma esta “chave de abóbada” corrobora a nossa tese do “A” do *Espadim* se destinar a comemorar a vitória da batalha de Alfarrobeira. A cabeça real, vista de perfil para o lado direito, sobreposta a quatro meios toros, de rosto imberbe, como sempre é representado Afonso V, tem cabelo liso, longo e levantado atrás, e uma coroa aberta, com diadema perlado e raios em folhas de acanto.

Em volta lá encontramos o afamado emblema de Afonso V: o rodízio borrifando gotas, que aparece frequentemente nas tapeçarias. Por fim um *espadim* apontado à figura real.

É possível encontrarmos reproduções reais deste tipo sobretudo na numismática peninsular. Henrique IV de Castela, contemporâneo e cunhado de Afonso V, usou o mesmo tipo de figura nos reais e nos croat.



Rodízio aspergindo gotas, pormenor de tapeçaria de Pastrana





Tornes de Busto de D. Fernando da oficina de Lisboa

Em Portugal D. Fernando empregou várias vezes o motivo nos torneses e meios torneses chamados precisamente “de busto”, que ainda corriam no século XV.

Naquela “chave de abóbada” o que intriga é aquele espadim dirigido ao retrato real que resulta tão enigmático quanto o “A” que aparece no campo do numisma em questão.

Diríamos que enquanto no “Espadim” a presença de uma mão, entre nuvens, segurando uma

espada, tem um significado heráldico que, para além da referência à Ordem da Torre e Espada, reflecte igualmente uma posição de soberania e de soberania pela imposição e pela força, já a forma francamente astuciosa como a mesma espada é representada na “chave da abóbada” presta-se pouco a uma interpretação heráldica. A posição e a presença do punhal parecem sim, ser uma reacção ao “Espadim”, pelo sentido afrontoso à dignidade régia, na dissimulação da arma que ataca a sua efígie.



Chave de Abóbada



Parte central do Espadim

Como já referimos no artigo da Permuta acima referenciada o reinado de Afonso V foi marcado por uma grande conflitualidade social. As classes mais baixas que constituíam o povo e a burguesia que entrava em declínio, foram alvo de muitas injustiças e minadas constantemente de impostos requeridos para as perniciosas guerras e empresas belicistas de uma nobreza decadente e do Rei.

Este grande empreendimento imperialista afonsino iniciou-se após a derrota das forças do antigo regente do reino e tio de Afonso V, D. Pedro, na batalha de Alfarrobeira.

Conforme avançava a empresa beligerante, na mesma proporção piorava a situação económica e social do país. A política afonsina impunha-se, mas havia resistências políticas e sociais.

Assim, não se poderá esquecer a importância que os mesteirais, nomeadamente os pedreiros da Batalha tiveram entre os partidários do regente D. Pedro. Sabe-se que entre os 283 nomes que constavam da lista de participantes em Alfarrobeira que obtiveram cartas de perdão ou liberdade, 22 eram homens ligados às obras do Mosteiro da Batalha.

Pelo que é perfeitamente provável que a comedida maldição da imagem régia proposta pela “chave da abóbada” se tivesse ficado a dever a um pedreiro «pedrista» capaz de fabricar uma resposta política ao “Espadim” e ao seu “A” comemorativo, intimidativo e dissuasor de eventuais revoltas e reivindicações populares, deixando também disimuladamente a memória do latente conflito social que caracterizou o reinado do *Africano*.

Eis pois mais esta achega àquela nossa tese do enigmático “A” do *Espadim*, a última moeda de bolhão, ao lado do “Cotrim”, na nossa história.



Um turista... Na Antiguidade

por António Alberto Gomes

Publio Aelio Hadriano, descendente de uma rica família espanhola de Itálica nasceu em 24 de Janeiro de 76 em Roma, para onde se haviam deslocado e onde pode ter uma educação privilegiada.

Cota-se tal como o seu antecessor, como um dos príncipes que melhor souberam conduzir o império na época em que o mesmo conheceu o seu apogeu, fazendo parte da era compreendida entre 96 e 180 chamada dos “Cinco Bons Imperadores”



Senhor de uma grande cultura, amante das artes e do direito, distingue-se igualmente no manejo das armas em várias campanhas – em particular na Dácia – ainda ao tempo do seu primo Trajano, como comandante da I e tribuno da II Legiões, destacando-se pela sua valentia, capacidade e grande competência no desempenho das missões que lhe foram atribuídas.

Face às qualidades demonstradas, foi nomeado chefe do exército e governador da Síria antes de ser adoptado por Trajano em 117, para assumir a enorme responsabilidade de dirigir o mundo romano.



Mapa do Império Romano na época



Herdando um vasto império em convulsão e com várias revoltas, decidiu-se, contrariamente ao seu antecessor por não dedicar tanto do seu esforço à guerra e mais à paz e consolidação do mesmo.

Cedo se apercebeu de que a extensão do império já tinha atingido o que se consideraria razoável, ordenando até a retirada das legiões estacionadas na Arménia, Mesopotâmia e Assíria dado que a sua manutenção implicava elevados custos, além de se revestir de particulares dificuldades do ponto de vista logístico.

Assim sendo, empenhou-se em reforçar a unidade dos territórios já conquistados, garantindo a sua prosperidade, procurou incentivar as boas relações entre as províncias e os seus cidadãos aos quais facilitou o acesso ao direito de cidadania e liberdade religiosa, medidas muito bem aceites e que demonstravam a consideração e respeito que lhe mereciam todos os seus súbditos que se contavam nesse tempo em cerca de 80 milhões, conseguindo assim a *Pax Romana* por outro meio século.

Para o êxito desta sua empresa, contribuíram decisivamente as viagens que Adriano efectuou entre os anos 119 e 136 por todo o Império Romano visitando as suas diversas províncias.

Desse facto nos dá notícia Yourcenar na sua fabulosa obra “Memórias de Adriano” uma autobiografia imaginária do imperador, quando dando a palavra ao próprio, este afirma: *Em vinte anos de poder passei doze sem domicílio fixo. Vivia alternadamente nos palácios dos mercadores da Ásia, nas tranquilas casas gregas, nas belas villas com banhos e caloríferos dos residentes romanos na Gália, em cabanas ou propriedades rústicas. A tenda ligeira, a arquitectura de tela e de cordas, era ainda a minha preferida. Os navios não eram menos variados que as moradas terrestres. A barca de recreio de um milionário sírio, os navios de alto bordo da frota ou o calque de um pescador grego satisfiziam-me igualmente.*

Apesar da sua condição, e pelo supracitado relato, poderemos concluir que Adriano era um homem que nestas circunstâncias não se dava a luxos e muito menos a preconceitos.

Conduzido apenas pelo seu ávido espírito de conhecimento, lança-se na grandiosa aventura jamais realizada por qualquer outro príncipe, procurando as belezas das paisagens do seu império, os tesouros da sua cultura e os lugares famosos da sua História. Torna-se assim o que hoje poderíamos afirmar tratar-se com toda a propriedade, do primeiro turista da antiguidade.

Estas suas jornadas poderemos dividi-las em duas fases. A primeira decorria o ano de 119 teve como finalidade verificar o estado em que se encontravam as fronteiras do norte de Roma, deslocando-se para tal à Gália e Germânia Inferior e Superior.

De seguida atravessa o Canal da Britânia, onde ordena a construção da célebre Muralha de Adriano, cuja extensão se conta por cerca de setenta e três milhas.

Em 122-123 Adriano permanece na Hispânia, prosseguindo para o leste da Ásia Menor. O resto desta sua primeira tournée foi gasto nos Balcãs e na Grécia percorrendo as regiões da Dácia e Acaia, antes de regressar em 126 a Roma.

Mausoléu de Adriano em Roma



A segunda fase começa em 128 com uma breve passagem pelas províncias de África e Mauritânia, voltando à capital em 130. Entretanto, parte de novo para a Ásia Menor, continuando pela Síria, Judeia, Palestina, e, finalmente, chega ao Egípto.

Todavia a inesperada revolta de Bar-Kochba na Judeia obriga Adriano a permanecer na região até 135, voltando definitivamente a Roma em 136, terminando assim as suas longas e épicas viagens.

Por onde passou, mostrou-se particularmente sempre muito atento às condições em que viviam os seus súbditos, envidando todos os esforços para melhorar a sua qualidade de vida.

Ordenou para o efeito, a construção de edifícios e outras infra-estruturas onde se mostravam necessárias, dando assim, continuação à época de ouro que a engenharia romana tinha iniciado no principado de Trajano.

Entre as muitas obras, além da célebre Muralha da Bretanha, (que marcou durante séculos a fronteira entre a Inglaterra e a Escócia), podemos referir a conclusão do templo de Júpiter Olímpico na Grécia, o famoso edifício do Panteão de Roma (o nome significa Templo para Todos os Deuses) e o grandioso Mausoléu de 50 metros de altura, onde viria a ser sepultado, hoje conhecido por Castelo S' Ângelo e muitas outras que não vem a propósito mencionar.



Portenor de ruínas da Villa Adriana

Como colecionador informado que era adquirentes nos lugares visitados, obras de arte destinadas a embelezar a sua mansão "Villa Adriana" algures em Tivoli, perto de Roma e que idealizou como sendo um paraíso terrestre, centro de prazer e diversão pretendendo com isso, ofuscar a grandiosidade e o fausto da "Domus Aurea" do excêntrico Nero.

Embora tenhamos que reconhecer nele as virtudes apontadas e tudo o que fez em prol do Império – contribuindo particularmente para a sua pacificação e consolidação – mostrava-se um homem de grandes contradições em termos de personalidade, conseguindo associar impiedade com a cultura, a tolerância e a benevolência.

Ocupando antes de envergar a púrpura imperial vários postos de Cônsul particularmente em Atenas, onde se apaixonou pela cultura grega, tornando-se um helenista convicto, permanece também por algum tempo – como atrás referimos – na Ásia Menor sendo aí que vai encontrar o jovem amante Antínoo, cuja companhia não iria dispensar doravante, embora casado diga-se de passagem, por conveniência política com Sabina.

11



Averso de moeda de Antínoo

Esta história de amor, envolve estes dois indivíduos numa paixão tão maravilhosa, quão dolorosa dado terminar tragicamente quando passeando nas margens do Nilo, Antínoo cai ao rio, morrendo afogado em circunstâncias misteriosas e ainda desconhecidas segundo algumas versões, decorria o ano de 130.



Outra versão, embora do mesmo modo, envolve em lenda, conta que Antínoo, esse jovem belo, tímido e de cabelos encaracolados, ao qual Adriano chamava carinhosamente de “a criança”, acaba por se suicidar sendo esse acto interpretado pela sociedade como um sacrifício pelo imperador, não só como prova de amor, mas pela sua prosperidade.



Imperatriz Sabina

Há ainda a hipótese da sua morte se dever a uma intriga palaciana conduzida por Sabina que assim se via livre do seu competidor.

Seja como for Adriano não se conformou e o acontecimento, deixou-o inconsolável, ordenando o embalsamamento do seu corpo que depositou num túmulo semelhante ao dos faraós.

Foram construídos vários monumentos, não só em sua memória mas também com a finalidade da instituição de sacerdócios para a prática do seu culto em várias cidades sobretudo do oriente e foi ainda construída em sua honra a cidade egípcia de Antinoópolis.

A veneração que Adriano lhe dedicava reflecte-se igualmente na vertente numismática.

12 Procedeu-se em diversas oficinas do oriente à cunhagem de moedas onde figurava o retrato de Antínoo, facto que constituía uma excepção, dado que os aversos das mesmas sempre estiveram reservados ao imperador, membros da família imperial ou divindades.

Esta faceta da homossexualidade de Adriano, talvez por suscitar especial curiosidade, (considerada a parte mais marcante da obra de Yourcenar) é invariavelmente abordada nas suas biografias.

Temos, no entanto, que a aceitar com a maior das naturalidades dado essa prática ser interpretada, no contexto romano, como um costume absolutamente normal naquela sociedade e quando existente entre homens mais idosos e jovens era considerada para aqueles como uma distinta emancipação.

Nos últimos anos do seu principado, a revolta enorme que sente pela perda do seu amado, a doença e sobretudo as intrigas internas a que esteve sujeito relativas à sua sucessão, alterou muito o seu carácter, tornando-se de tal maneira intratável e desumano, ao ponto de ordenar a execução por insegurança, e até por um certo desequilíbrio mental de várias pessoas que acusou hipoteticamente, de atentarem contra a sua autoridade.

No mesmo sentido foi responsável por um autêntico genocídio contra o povo Hebreu quando este se revoltou (revolta de Bar-Kochba) porque Adriano cometeu a afronta de fundar uma colónia romana sobre as ruínas de Jerusalém ordenando a construção de um templo dedicado a Júpiter, no preciso lugar onde existiu o grande Templo destruído nos anos 70 por Tito.

Esta guerra, ganha como seria de esperar, pelos exércitos romanos à frente dos quais esteve o próprio imperador, teve como resultado a chacina de 500.000 judeus (segundo fontes da época) causando o quase desaparecimento do povo Judeu da Palestina e dando início à «Diáspora» decorria o século II da nossa era.

A sua determinação em extinguir este povo e demolir Jerusalém para sobre suas cinzas erguer a cidade de Aelia Capitolina, transforma-o para estes, numa das figuras mais odiadas do seu tempo.

Entretanto, o seu precário estado de saúde tinha-se agravado irreparavelmente durante os últimos quatro anos do seu principado, sendo acometido de momentos de verdadeiro desespero perante a doença, que o levavam a suplicar aos seus médicos e aos próprios escravos, para piedosamente acabarem com o seu sofrimento.





Imperador Antonino Pio e Marco Aurélio César

Finalmente, quando sem filhos pensa no seu sucessor, é por morte de Aelio, obrigado a fazer uma segunda escolha a qual recaí sobre Antonino Pio que adopta para lhe suceder no trono imperial em 138 conjuntamente com Marco Aurélio, vindo a morrer nesse mesmo ano.

Antes de entrarmos na parte final deste nosso trabalho, gostaríamos de confessar que foi após a leitura – que recomendamos vivamente – do livro acima referido “Memórias de Adriano” que resolvemos traçar a sucinta e despreziosa biografia desta maravilhosa, perturbadora e multifacetada personagem, que ocupa por mérito próprio um lugar entre os maiores príncipes da Roma antiga.

A autora do livro (*Marguerite Yourcenar*) cuja escrita se assume na primeira pessoa, faz com que o leitor se torne desde início um cúmplice de Adriano e ao partilhar com ele as suas memórias, os seus desabafos, os seus feitos, os seus sentimentos, os seus pontos de vista sobre os mais diversos assuntos e o seu sentido crítico, entrar no pensamento e intimidade deste imperador, o que constituiu fonte suficiente para alinhavarmos este nosso escrito.

Envolvidos em toda essa teia e quase por magia, imaginamo-nos a viver os tempos de Adriano e sobretudo a sentirmo-nos um companheiro nas suas viagens as quais constituíam o motivo e razão de ser deste nosso trabalho.

Essas longas jornadas, são testemunhadas pela cunhagem de uma variedade de moedas com uma simbologia traduzida em alegorias que se revestem de grande beleza estética, aludindo a cada uma das províncias visitadas.

13

Assim sendo, resta-nos apresentar as ditas moedas que poderemos apelidar como “série das viagens”. São todas as que conseguimos catalogar e que achamos por bem fazê-las acompanhar de uma breve descrição dos seus reversos, convidando os nossos leitores a descobrir a alegoria mais bem conseguida.



(Sestércio) África reclinada à esquerda, com escorpião e cornucópia; cesta de frutas a seus pés.



(Denário) Alexandria, de pé à esquerda, segurando sistro e cesta com uma serpente.





(Denário) Ásia, de pé, à esquerda, pé sobre uma proa, segurando âncora e leme.



(Sestércio) Capadócia, de pé à esquerda, segurando estandarte e figura do Monte Argeo.



(Sestércio) Dácia, sentada, à esquerda sobre um penedo, segurando foice e insígnia encimada por uma água.



(Denário) Egípto reclinado, à esquerda, segurando sistro; Íbis a seus pés.



(Denário) Germânia, de pé, à esquerda, segurando lança e apotando mão sobre escudo redondo.



(Denário) Hispânia reclinada, à esquerda, segurando ramo de oliveira; a seus pés, um coelho.



(Denário) Itália, de pé, à esquerda, segurando ceptro e cornucópia.



(Sestércio) Mauritânia, em marcha para a direita, segurando duas azagaias e as rédeas do seu cavalo.

BIBLIOGRAFIA:

- João Pijoan, *História do Mundo*, Publicações Alfa, S.A.R.L., Lisboa 1973;
 Juan R. Cayón, *Compendio de Las Monedas del Imperio Romano*, Madrid 1995;
 Marguerite Yourcenar, *Memoirs de Adriano*, Editora Ulisseia, Lisboa 1974.



O Banco Comercial do Porto

por Henrique Nogueira

Desde sempre a moeda foi a base de todas as trocas comerciais.

Mas enquanto que a moeda metálica se usa há cerca de 2500 anos, o papel é de utilização muito mais recente.

Inicialmente os banqueiros serviam-se dos títulos de crédito para garantir os reembolsos, tendo como penhor bens diversos, ouro ou outras moedas.

Entre nós é com o Marquez de Pombal que surgem as primeiras apólices (das Companhias Gerais do Grão Pará e Maranhão, da Agricultura das Vinhas do Alto Douro).

Depois com D. João Príncipe Regente, em 1796, aparecem as apólices do Real Erário, representativas de um empréstimo ao Estado para pagar as campanhas militares da Guerra do Roussilhão.



D. João F. Regente

No território continental, em 1821, por decreto de 31 de Dezembro, cria-se o primeiro Banco – o Banco de Lisboa, tornado pouco depois Banco do Estado, beneficiando de todas as vantagens e também dos inconvenientes, quando foi obrigado a emprestar ao Tesouro quantias que não tinha disponíveis em numerário.

As graves perturbações políticas da época, à falta de iniciativa da sua filial no Porto (estabelecida em 1825) desfasada das necessidades do comércio no Norte (o principal centro de actividade do país), à emissão de letras apenas a noventa dias, prazo manifestamente curto para uma praça cujos negócios se faziam essencialmente com o estrangeiro (os ingleses e o Brasil) se devem a criação de um segundo banco.

Nasceu assim em 1835, por decreto de 13 de Agosto, o Banco Comercial do Porto.

A iniciativa partiu de dois comerciantes portuenses – Francisco Joaquim Maia e João Ferreira dos Santos Silva Jr. (1799/1858 – Barão de Santos em 1850).

Os seus estatutos permitiam a emissão de acções no valor de 2.000 contos, com que o banco pretendia realizar o seu capital social, representado por 10 000 acções de 200\$000 Réis cada uma.

Foi autorizado a emitir notas (limitado a $\frac{1}{2}$ do capital do banco – 1.500 contos) que embora convertíveis, não eram admitidas nos pagamentos ao Estado (por respeito aos privilégios concedidos ao Banco de Lisboa).

O Banco de Lisboa contestou vivamente esta autorização (tinha o exclusivo da emissão de notas durante vinte anos). Mas o governo não o atendeu. A criação da Associação Comercial do Porto em 1834 e a necessidade do Tesouro ter mais um banco a quem recorrer para empréstimos, foram motivos suficientes para que a pressão dos meios financeiros da cidade convencessem o governo a não atender os protestos do Banco de Lisboa.



A sua actividade pautou-se sempre pelo objectivo de fornecer crédito à vida económica do norte do país.

Iniciou o seu exercício nas instalações da Associação Comercial do Porto, transferindo-se depois para a Rua dos Ingleses (actual Rua Infante D. Henrique).

Em 1847 ocupou um edifício na Rua Ferreira Borges e aí se manteve até à sua extinção em 1925.

O banco aguentou algumas das crises financeiras que surgiram ao longo do século, nomeadamente a de 1846 que provocou a constituição do Banco de Portugal e a de 1876 (em que faliram inúmeros bancos por todo o país).

Após a crise de 1891 (a mais grave), a sua sobrevivência estava em risco. Teve de receber os depósitos de outros cinco bancos do Porto, que com ele se fundiram, mas teve também de aceitar a perda do direito de emissão de notas próprias (que aliás nunca chegaram a atingir montantes muito elevados).

As notas dos bancos do norte continuaram a ter curso legal até 31 de Dezembro de 1906, mas o Banco de Portugal ficara com a prerrogativa de poder trocar esse papel moeda por metal ou papel seu.

As Notas...

Admite-se geralmente que houve apenas duas emissões de notas para o Banco Comercial do Porto.



2ª Emissão

A primeira em 1836 com os valores de 10\$000, 20\$000, 50\$000 e 100\$000 Réis.

A segunda em 1859, nos valores apenas de 10\$000 e 50\$000 Réis, destinada a substituir a anterior pelo facto de terem surgido inúmeras falsificações.

As notas iniciais são semelhantes às "Notas Particulares" dos Contratadores dos monopólios do Estado e do Banco de Lisboa.

Os autores (desenhadores e gravadores) eram solicitados pelos vários bancos e utilizaram geralmente os mesmos métodos – processo calcográfico sobre fundo branco.

As vinhetas eram por vezes baseadas em motivos extraídos de notas dos bancos ingleses.

As notas eram autenticadas com a aposição de selos brancos, assinaturas dos responsáveis ou marcas de água com o logótipo do banco ou o valor.

A partir de 1858, a impressão da maior parte delas passou a ser feita em Londres (para introduzir meios mais sofisticados de forma a evitar a falsificação) e isso veio alterar o aspecto geral dos espécimes, introduzindo novas temáticas.

As direcções do Banco Commercial do Porto, procuraram sempre a utilização de motivos ligados à cidade do Porto e ao seu comércio, designadamente o do vinho do Porto (o rio Douro, veleiros, o deus Mercúrio e seus atributos, as pipas, folhas de parra).



Para isso socorreram-se de artistas gravadores consagrados como João Baptista Ribeiro, Augusto Fernand Gérard e Gregório Francisco de Queirós.

De uma maneira geral estas notas são raríssimas. Conhecem-se exemplares na colecção do Banco de Portugal e em algumas colecções particulares.

A colecção do Banco Espírito Santo (recentemente enriquecida com a colecção Carlos Marques da Costa), não tem qualquer exemplar. Desconhecemos se os há na do Millennium BCP (obtida à custa das fusões de três colecções de bancos do norte).

Notável é no entanto o conjunto do Gabinete de Numismática da Câmara Municipal do Porto instalada no palácio Balsemão.

Provavelmente oriunda do espólio do extinto Banco Comercial e incorporada nas colecções do Museu Municipal em data que se desconhece (e da qual não há qualquer registo) esteve em depósito no Museu Soares dos Reis.

Só depois de 1974, quando a Câmara solicitou a entrega de toda a colecção numismática é que se instalou na Casa Tait.

Esta parte do espólio só começou a ser estudado cerca de 1988/89, para documentar uma exposição sobre a banca do Porto no século XIX.

Revelaram-se então alguns exemplares raríssimos, mesmo inéditos. Há também chapas de cobre com as quais eram impressas as notas e outro material museológico como ensaios e provas.



1ª Emissão

Existem quase seis centenas de notas da primeira emissão, do valor de 50\$000 Réis, em série quase seguida.

Cada série de 100 notas era assinada por três directores (*dos sete conhecidos*) revezando-se entre eles.

As notas têm todas as assinaturas cruzadas por traços manuscritos, provavelmente à medida que iam sendo recolhidas.

BIBLIOGRAFIA:

Ana Cristina C. Dias, *A Cor do Dinheiro*, Porto, Casa Tait, 1989;

M. S. Almeida, *A Banca do Porto no século XIX*, Permuta n.º 65, 1989;

Jaimé Reis, *O Banco de Portugal*, Vol. I, Lisboa, 1996;

O Papel Moeda em Portugal, Vol. I, As Notas dos Bancos Emissores do Norte, Lisboa, 1997;

Nuno Valério, *História do Sistema Bancário Português*, Vol. I, Lisboa, 2006.



O Ródio Monetário

por Jaime M. M. Ferreira

Em 1894, Sir Reginald Huth e a John Pinches & Co., cunharam em Londres, um exemplar único de 100 pesetas, com a efígie de Isabel II, de Espanha, em ródio. Conhecem-se também outros ensaios de Isabel II, de 1891, cunhados noutros metais preciosos.

Até 1925, muita moeda mexicana de ouro que vinha do Haiti, foi cunhada em rodior (liga de ouro com alto teor de ródio); parece que tal liga era bastante quebradiça. Tais moedas, são consideradas legais.

Segundo A. del Rio (1925), as barras de ouro eram provenientes do Haiti (1820), para serem transformadas em moeda mexicana, e continham até 43% de ródio, registando uma densidade média entre 15,5 a 16,8.

Tais peças, destacam-se por seu lado, pela cor esverdeada e mesmo pálida. É do senso comum atribuir-lhes um toque de 875%. Ora, nos testes efectuados com peças colombianas de 8 escudos, de 1788, numa oficina monetária de Bogotá, as peças analisadas mostraram que eram de uma liga de ouro e ródio, sendo a percentagem deste último de 38%!

Já em 1994, a Ilha de Man, para assinalar o X Aniversário do lançamento do noble de Platina (moeda comemorativa e de investimento), emitiu um conjunto de duas peças (moeda + medalha) de prata, com um banho de ródio.

Em pleno século XXI, a Cohen Mint (de Nova Iorque), oficina monetária privada recentemente criada (2004), emitiu algumas moedas e waffers de ródio, que se reproduzem no final deste artigo.

Antecedentes a este Artigo

A atribuição do metal de que é feita (cunhada) hoje em dia uma moeda, é assunto que não merece controvérsia. Salvo as falsificações, que podem levar mais tempo até identificar o verdadeiro metal com que a moeda é cunhada, ... idêntico problema, assume foros pouco comuns quando se trata de moedas de ouro dos séculos XVIII e XIX. Tais moedas, oficialmente de ouro, podem conter escondidos nuclearmente, outros metais preciosos como a platina, o paládio e até mesmo ródio.

Nas distantes décadas de 1980 e de 1990, o Autor deste artigo, elaborou uma série artigos sobre metais preciosos, publicados em revistas da especialidade¹. Um desses artigos, subordinava-se ao título «O Ródio, 5º metal Monetário?» e foi publicado n' A Permuta². Quando foi escrito, mal imaginava o Autor, que, duas décadas depois, iria responder à interrogação então colocada.

Também direi, que até hoje nunca vi publicada qualquer referência sistemática notável sobre o ródio, que é uma metal nobre, precioso e numismático, embora noutros campos haja publicações assinaláveis. Contudo, são de registar, referências claras, obtidas por métodos instrumentais de análise, sob a presença de vestígios ou traços de ródio e de outros metais não-monetários, em algumas Comunicações feitas a Congressos de Numismática, nacionais³ e internacionais.

O Autor deste trabalho, teve acesso a novos dados, e afirma claramente hoje, que o restrito número de metais monetários preciosos, passa a ser um quinteto (os elementos deste são: o ouro e a prata, conhecidos desde a Antiguidade, a platina conhecida desde o século XVIII e por fim o paládio e o ródio, descobertos no séc. XIX).

A Nomenclatura do Ródio

O nome Ródio, vem do grego rhódon, que significa «cor-de-rosa», por causa da cor dos seus compostos.

O termo ródio, não designa só o metal precioso descoberto por William H. Wollaston (1766-1828), um dos metais do grupo da platina, quando estudava a liga natural de platina com os metais do seu grupo; ródio, é também o adjectivo relativo à ilha de Rodes, no Mediterrâneo.





Moeda de Rhodes

Ao ródio não faltam as características quer da prata, quer do paládio; menos abundante que o ouro e a platina, é igualmente denso, argênteo e brilhante.

”... (Do gr. *Rhódios*, da ilha de Rodes, pelo lat. *rhodiu*)...”

... Diz-se do estilo literário intermédio ao ático e ao asiático, que sem cair na redundância, é mais abundante e ornado do que o poético: «... para a magniloquência historiográfica do cerco Verdun, a retórica está há muito em todos os moldes lacónico, ático ou ródio», Ricardo Jorge. *Panadas de ródio*, p. 295. S. m.: Natural ou habitante de Rodes; o mesmo que rodíota: «... Mas antes que os Ródios se lanças sem na sua esteira haviam de passar muitos anos, durante os quais os insignes troquilhas (os Fenícios) tiveram ocasião de conhecer e explorar a Ibéria» (Aquilino Ribeiro, in *Os Avós dos Nossos Avós*, p. 41.)

Existem outros termos e expressões relacionados com o ródio:

- **Ouro rodiado** – Ouro com percentagem significativa de ródio.
- **Platina-ródio** – Liga que possui ótimas propriedades mecânicas e químicas; usa-se em fornos eléctricos (que trabalham a temperaturas da ordem dos 1100°c), pois esta liga tem resistência superior à da própria platina. É também usada em termopares* e em termoelementos.
- **Prata rodiada** – Prata a que foi aplicado ou dado um capeamento de prata.
- **Rodiar** – Cobrir uma superfície metálica com ródio. Ex.: *rodíar a prata*. Em Ourivesaria, usa-se rodíar a prata, isto é, recobri-la com uma leve camada de ródio, afim de evitar o enegrecimento. Por vezes rodíam-se também as jóias de ouro amarelo, platina e ouro branco, com o objectivo de lhes dar mais brilho e esplendor.
- **Rodior** – Liga à base de ródio e ouro, usada em Ourivesaria e Joalharia, em especial para rodíar a prata.

Quadro 1 – Descoberta dos Monetários Preciosos

METAL PRECIOSO (símb.Químico)	DESCOBRIDOR	ANO DA DESCOBERTA	USO MONETÁRIO
Ouro (Au)	...	Antiguidade	Sim
Prata (Ag)	...	Antiguidade	Sim
Platina (Pt)	Charles Wood (1702-1774)	1750	Sim
Paládio (Pd)	William Hyde Wollaston (1766-1828)	1803	Sim
Ródio (Rh)	William Hyde Wollaston (1766-1828)	1804	Sim



A Descoberta do Ródio

Na Antiguidade, ouro e prata eram os únicos metais preciosos conhecidos e também os únicos usados no lavramento de moeda (o *electrum* que também era usado, era uma liga, apesar de ser considerado *metal numismático*). O ródio, embora nunca tenha sido usado como metal monetário, surge em quantidades vestigiais ou traços, em moedas de metal precioso; essa percentagem, contudo, não ultrapassa 1%. (*Vide Quadro 1*)

O ródio foi descoberto em 1803 pelo químico inglês William Hyde Wollaston, e o seu nome, atribuído em 1804, deve-se à cor vermelha dos seus sais em solução.

No séc. XVIII, dos estudos que o cientista inglês William H. Wollaston efectuou sobre a platina, resultou a descoberta de dois novos elementos (metais) preciosos: o paládio (1803) e o ródio (1804). Depois de descoberto, o ródio foi estudado pelo químico russo de origem germânica Carl Ernst Claus (1796–1864), a quem é atribuída a descoberta do ruténio (1844). Há vários metais monetários preciosos utilizados na amoedação. Porém, há variações substanciais no tempo, nos anos que medeiam entre a descoberta desses metais e a respectiva primeira utilização monetária: 78 anos para a platina, 159 anos para o paládio e 16 anos para o ródio (*Vide Quadros 1 e 2*). Quanto ao ouro e à prata, já eram conhecidos na Antiguidade.

Assim, e em termos de descoberta, o ródio, é o quinto metal precioso monetário. É contudo raro, cerca de cinco vezes mais raro que o ouro e a platina, e foi muitíssimo menos utilizado no lavramento.

Hoje em dia, o ródio é principalmente utilizado no sector automóvel. Encontra-se associado aos minérios de platina e é produzido, apesar de um processo de refinação diferente, pelas mesmas empresas. Tal como a platina, os preços do ródio variam independentemente dos outros platinóides, bem como dos preços do ouro e da prata. (*Vide Quadro 4*)



William H. Wollaston (1766–1828)

Quadro 2 – Anos Decorridos entre a Descoberta dos Metais Preciosos e o Início da sua Utilização Monetária

METAL PRECIOSO (símb.Químico)	ANO DA DESCOBERTA (A)	1º USO MONETÁRIO (B)	ANOS ENTRE A DESCOBERTA E O USO MONETÁRIO (A-B)
Ouro (Au)	Antiguidade	Antiguidade	...
Prata (Ag)	Antiguidade	Antiguidade	...
Platina (Pt)	1750	1828 (Rússia)	1828-1750= 78 anos
Paládio (Pd)	1803	1962 (Arq. de Tonga)	1962-1803= 159 anos
Ródio (Rh)	1804	1820 (México)	1820-1804= 16 anos



O Ródio, é utilizado juntamente com a Platina (Pt) em termopares para temperaturas até 1700° c, por exemplo na Indústria do aço. O ródio aplicado na forma de uma fina camada, é por vezes aplicado sobre objectos de prata, afim de impedir o embaciamento desta. A esta operação chama-se *rodar* a prata.

Não existe qualquer produto de substituição do ródio, que também é utilizado em Ourivesaria e Bijouteria.

Mas a propriedade mais notável do ródio, é a da sua actividade química aumentar em presença de compostos de enxofre, ao contrário da maioria dos compostos que têm funções de catalisador, para os quais os referidos compostos constituem verdadeiros venenos.

Nobreza do Ródio

A designação *metal precioso*, é aplicada a um número restrito de elementos.

As propriedades dos metais preciosos, são medidas pela sua tensão e dureza, sugerindo que podem classificar-se nos seguintes pares: ruténio-ósmio, ródio-irídio, platina-paládio e prata-ouro. As propriedades químicas e físicas semelhantes destes metais, reflectem-se nas suas localizações adjacentes de outros metais da Tabela Periódica (períodos 5 e 6).

Adicionalmente diremos, que os metais preciosos existem frequentemente juntos na Natureza, como componentes de vários minérios e minerais. O termo *precioso*, alude à comparativa raridade destes metais, que em parte estabelece e define o seu valor monetário. A sua concentração na crosta terrestre, é medida em partes por milhão (sigla ppm), e é muito baixa comparada com a presença/existência: o ferro e o níquel, 50.000; o irídio 0,001; o ródio 0,001; o níquel 75; a platina 0,005; o ouro 0,005; o paládio 0,001; o ruténio 0,001; a prata 0,1. Medida em unidades mais familiares a concentração do paládio é equivalente a cerca de 1 Kg de metal por milhão de toneladas métricas da crosta terrestre.

Apesar da quantidade de ródio extraída em Sudbary (a maior cidade do norte da província canadiana de Canadá) ser muito pequena, a grande quantidade extraída de níquel torna rentável a obtenção do ródio como subproduto. Devido às pequenas quantidades de minérios de ródio, a produção mundial é de apenas 7-8 ton./ano.

Uma outra possível extracção do ródio, é a partir de combustível nuclear queimado, que contém alguma percentagem deste metal precioso. Os rádio-isótopos obtidos apresentam períodos de meia-vida de transformação de c. 45 dias (assim, a venda do material com esta origem implica cuidados rigorosos).

Eis algumas propriedades físicas e químicas do ródio: É dúctil e maleável a quente. É inoxidável à temperatura ordinária e quando aquecido, cobre-se de uma camada de óxido cuja cor varia segundo a espessura da camada, mas em que predominam os tons azulados. É atacado pelo flúor e pelo cloro, quando fundido ou fortemente calcinado; é insolúvel nos ácidos e na água régia; pode, porém, ser atacado pelo pirossulfato de potássio em fusão. Precipitado em estado muito dividido ou formando liga com o zinco ou o chumbo dissolve se facilmente na água régia⁵.

Quadro 3 – Metais Monetários Preciosos

METAL PRECIOSO	PONTO DE FUSÃO (°c)	PONTO DE EBULIÇÃO (°c)	DENSIDADE
Ouro (Au)	1337,33	3129	19,30
Prata (Ag)	1234,93	2435	10,49
Platina (Pt)	2041,40	4098	21,09
Paládio (Pd)	1828,05	3236	12,02
Ródio (Rh)	2237	3968	12,45



Ródio: Apresentação Metálica

O ródio é um elemento raro que entra na ordem dos 4,6% na composição dos metais nativos e ligas de platina. Também ocorre em ligas naturais de irídio e de ósmio. Comercialmente é obtido como um subproduto da extracção dos minérios de níquel e do cobre.

Na Colômbia, nas províncias de Chocó e de Barbacoas encontravam-se filões de quartzo aurífero, atravessados por sienitas, platina juntamente com ouro e ferro, que por sua vez contêm crómio; tais minerais contêm ainda, ródio*.

O Ródio encontra-se na Natureza, no estado nativo, não puro, mas misturado com os outros minerais, do Grupo da Platina, e às vezes, com o ferro, o cobre e ouro. Tem densidade próxima dos dois metais vizinhos na Tabela Periódica, que são o ruténio ($d=12,2$) à sua esquerda e do paládio ($d=12,0$).

O ródio natural, consiste inteiramente de dois isótopos, o Rh^{100} e o Rh^{101} . É um metal branco, vivo, muito brilhante e inalterável. É facilmente redutível.

É o elemento nº 45 na classificação da Tabela Periódica, de símbolo químico Rh, de cor branco de prata, quando puro; é que parte do grupo de metais conhecidos como *Grupo da Platina*, acompanhando este metal nas aluviões donde é extraída. O Ródio existe em todos os minérios platiníferos e oferece grande analogia com o crómio e o cobalto; quando puro tem a cor da prata.

O metal precioso que melhor se liga ao ródio e que tem utilização industrial, comercial e particular, é o ouro, chamando-se a essa liga preciosa, rodior (Ródio + Ouro), como se disse já.

Ródio Monetário

22 Ao ródio não faltam as características quer da prata, quer do paládio; menos abundante que o ouro e a platina, é igualmente denso, argênteo e brilhante. O colecionador especializado conhece as denominações dos escudos de ouro e suas fracções cunhadas por Espanha nas suas antigas colónias ou províncias ultramarinas.

Na Numismática do séc. XX, de facto o ródio quase não tem sido metal de cunhagem.

Em 1894, Sir Reginald Huth (1853-1926) e a firma Pinches & Co., de Londres (do medalhista e gravador inglês John H. Pinches, n. 1852), cunharam um exemplar único de 100 pesetas, com a effigie de Isabel II (1830-1904), de Espanha, em ródio; esta “moeda” como outras, é conhecida como “Prova Huth”. Conhecem-se outros ensaios de Isabel II, de 1891, cunhados noutros metais (ligas) enquadráveis neste tipo de *Provas*.

Até 1925, muita moeda de ouro mexicana foi cunhada em rodior (liga de ouro com alto teor de ródio), que vinha do Haiti. Contudo, tais moedas são legalmente consideradas como moedas de ouro; nunca poderão ser classificadas como falsas*.



COLÔMBIA - 8 Escudos colombianos

Carlos IV (busto à direita), de 1791, com c. 40% de ródio. Rev./: Armas Reais, coroadas.

(*Gold Coins of the World, by Robert Friedberg, 6th. ed., The Coin & Currency Institute, pg. 178, NJ, 1992)

Segundo A. del Rio (1925)*, as barras de ouro que provinham do Haiti, em 1820, para serem transformadas em moeda mexicana, contendo até 43% de ródio, registam uma densidade média de 15,5



a 16,8. Parece que o metal assim obtido era bastante quebradiço; tais peças destacam-se pela cor esverdeada e mesmo pálida. É do senso comum atribuir-lhes um toque de 875%. Ora, testes efectuados em peças colombianas de 8 escudos de 1788 e 1791 (numa oficina monetária de Bogotá), depois de analisadas as mesmas, mostraram uma liga de ouro e ródio, sendo a percentagem deste último de 38%¹⁰!



ESPAÑA - 4 pesetas ("Prova Huth")

Busto de Isabel II (busto à esquerda), de 1894, em ródio. Exemplar ÚNICO, cunhado em Londres, por Sir Reginald Huth e John Pinches e Co.

(Fonte: "Unusual World Coins", by Bruce H, Colin R., pg. 178, ed./90)

Já em 1994, a Ilha de Man, na sequência do x Aniversário do lançamento do noble de Platina (como moeda comemorativa e de investimento), emitiu um conjunto de duas peças (moeda + medalha), de prata, com um banho de ródio.

Em pleno séc. XXI, a Cohen Mint (de Nova Iorque), oficina monetária privada recentemente criada (2004), emitiu algumas moedas e waffers de ródio, que se reproduzem.



"Moeda de investimento" de uma onça Troy (31,1 g), de Ródio (999,5‰) e com Ø 13 mm, cunhada pela Cohen Mint (de Nova Iorque).

Em Portugal, no Art.º 12 da "Convenção de Controlo e Marcação de Artefactos de Metais Preciosos" vem acerca do Ródio:

"... É permitido o revestimento de artefactos de prata com ouro, desde que todo o artefacto seja marcado com prata. O revestimento com ródio de artefactos de ouro branco, prata ou platina, é permitido, desde que todo o artefacto seja marcado, respectivamente com prata e platina."

Preços do Ródio, em Alta

Embora os preços do ródio sejam próximos dos da platina e superiores aos do ouro, devido à mais baixa densidade das ligas à base de ródio, o uso de mais baixo peso de metal obtido no depósito electro-lítico é comparável em termos de espessura.

No final do último milénio, a interrupção nas exportações da Rússia e a explosão no consumo das indústrias de electrónica e de catalisadores para automóveis inflacionaram os preços dos metais preciosos. A platina ultrapassou os 511 dólares a onça troy (c. 31,1 g), pela primeira vez desde Março de 1990; o paládio bateu um recorde de 518 dólares a onça e o ródio chegou a negociar-se a 2425 dólares, o preço mais alto desde Setembro de 1992.



Quadro 4 – Preços dos Metais Preciosos

METAL PRECIOSO	10/04/2009 (\$/Kg)	10/04/2009 (€/Kg)
Ouro (Au)	\$31100	€24880
Prata (Ag)	\$437	€349,6
Platina (Pt)	\$42681	€34144,8
Paládio (Pd)	\$8430	€6744
Ródio (Rh)	\$39680	€31744

Dados obtidos da enciclopédia Wikipédia

1\$=1,250€

O mercado entrou em pânico; os importadores procuram cobrir as suas necessidades a qualquer preço, receosos de novos atrasos nas exportações da Rússia, congeladas há vários meses, quer por problemas burocráticos quer pela ineficiência das instalações fabris, dizem os operadores. A Rússia é o maior produtor mundial de paládio e o segundo maior de platina, logo a seguir à África do Sul.

A platina valorizou-se quase 50% nos finais do milénio; os preços do paládio multiplicaram por quatro desde 1997. «Mas, com a ruptura da oferta à vista, não irá surpreender ninguém se os preços da platina e paládio, picados pelos especuladores, chegarem à casa dos 550 dólares a onça troy».

“Estado de Espírito” Monetário

24

Recorde-se que na Ourivesaria e Joalheria, o ródio já entrou pela porta alta.

As mesmas ligas, que sectores tão exigentes como os da Ourivesaria e Joalheria usam, nada impede que sectores numismáticos e medalhísticos reiterem. A prata rodiada, destes sectores, se não se justifica que entre no mundo corriqueiro da moeda corrente ou de trocos, muito brilharia em moeda de investimento ou comemorativa.

À partida e pelo que atrás se disse, o ródio não parece reunir condições para entrar na cunhagem, sem ser com o carácter esporádico que teve já.

O ródio, apresenta sem dúvida óbices, quando o queremos transpor para a cunhagem: é muito caro, não é metal abundante, não constitui alternativa forte, para substituir qualquer dos metais monetários preciosos conhecidos. Por isso, parece até contra-indicado para cunhagem.

Porém, ao ródio não faltam também as características quer da prata, quer do paládio, pois é igualmente denso, argênteo e brilhante. Deste ponto de vista, já é possível indicá-lo, em certas circunstâncias para metal monetário.



1/4 de Noble

Em 1994, a Ilha de Man emitiu uma série constituída por uma moeda e uma medalha de Prata, banhadas a ródio, para assinalar o X Aniversário dos modernos Nobles de Platina.



Contudo, se a não utilização como metal puro, parece justificável, ou até pouco recomendável e economicamente difícil, já o capeamento de metais/ligas pobres é passível de aplicação monetária. O *rodar* ou o capeamento de outras metais e ligas pobres, confere ao ródio uma hipótese mais interessante, que a sua utilização monetária estrita como metal puro ou em liga. Não seria a primeira vez, que um metal nobre, forraria um núcleo central de uma moeda de um metal nobre ou não-nobre, ou até de um metal mais pobre, barato e abundante... É uma hipótese, que, tanto quanto sabemos apenas a Pobjoy Mint (da Ilha de Man) pôs em prática, em 1994, e também para não falar da Cohen Mint, de Nova Iorque, que utiliza o próprio metal quase puro.

Um capeamento a ródio, confere a uma moeda (medalha) um brilho muito mais vivo, com as vantagens daí resultantes.



Barra de Ródio, com 999% de pureza, cunhada pela Cohen Mint, de Nova Iorque

Portugal, que foi o primeiro país do mundo a emitir uma série de moedas, nos quatro metais preciosos, com a primeira série dos Descobrimientos Portugueses (1987), não emitiu, contudo, nenhuma moeda comemorativa, corrente ou outra, cunhada em ródio, ... o que se compreenderá!

25

1 - Foram as seguintes publicações periódicas: «Moeda», «Filatelia e Numismática», «Crónica Numismática» e «Permuta (A)».

Alguns dos artigos foram:

- «A Numismática dos Metais Preciosos», Vol. XI, n.º 4, Jul./Ago., 1986;
- «A Platina o 3.º Metal Monetário Precioso», in FN, Vol. IX, n.os 77 e 78, Lisboa, Abr. e Mai., 1991;
- «Paládio, o 4.º Metal Monetário Precioso», in FN, Vol. IX, n.º 82, Lisboa, Out., 1991;
- «Ouro Numismático», in FN, Vol. IX, n.º 84 e 85, Lisboa, Dez./1991 e Jan., 1992;
- «Ouro Brasileiro», in FN, Vol. IX, n.ºs 89 e 90, Lisboa, Mai. e Jun., 1992;

2 - N.º 68, ed. SPN, Porto, Dez., 1990.

3 - Vide Actas do «IV Congresso Nacional de Numismática», Lisboa, 23-25/Jul., 1988.

4 - Termopar - Dispositivo muito útil para medir temperaturas desde que se conheça a potência termoelétrica.

5 - Enciclopédia Luso-Brasileira, Vol. 45, s/d.

6 - Enc. Universal Ilustrada, vol. 45, ed. Lisboa/Rio de Janeiro, s/d.

7 - Banqueiro representante do Banco de Espanha, em Londres; grande colecionador. Mandou cunhar na Finches & Co., ensaios não-oficiais da rainha Victória, de Jorge V, do Hawai, de Madagáscar, etc.

8 - Willy Fuchs, in NC, n.º 204, Paris, Mar., 1991.

9 - NC, n.º 204, pp. 39-40.

10 - NC, n.º 204, p. 40.

BIBLIOGRAFIA:

GERAIS

J. Duponchelle, (1966), *Manual del Fundidor*, Col. Biblioteca del mecánico, 5ª ed., Barcelona;



Alan H. Cottrell, (1975), *Introdução à Metalurgia*, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª ed., Lisboa;

«Diário De Notícias», 5 de Fev., 2000;

European, Free Trade Association, (1990), *Convenção sobre o Controlo e Marcação de Artefactos de Metais Preciosos*, Genebra, ed. INCM, Abr., Lisboa;

Robert Friedberg, (1992), *Gold Coins of the World*, 6th. ed., The Coin & Currency Institute, New Jersey;

Pedro Fazenda, (1983), *A Ourivesaria Portuguesa contemporânea e os metais e pedras preciosas*, reed. da INCM, Lisboa, Set.;

Jaime M. M Ferreira, (1986), *A Numismática dos Metais Preciosos*, in Moeda, ed. Publunmmus, Vol. XI, nº 4, Jul./Ago., 1986;

Jaime M. M Ferreira, (1990), *Ródio, o 5º Metal Monetário?*, in Permuta (A), nº 68, ed. S.P.N., Porto, Dez.;

Mishler & Krause, (1986), *World Gold Coins*, by Bruce II, Colin R., Edition/86, Iola, Winconsin;

Mishler & Krause, (1990), *Unusual World Coins*, by Bruce II, Id., Edition/90, Ib., Ib.;

Numismatique e Change, nº 204 (1991);

Porto Editora, (2006), *Tabela Periódica dos Elementos*, ed. Porto Editora, Porto;

VV. AA., (S/d), *ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA*, vol. 45, Lisboa/Rio de Janeiro;

Wikipedia, Enc. - Vários Sites

FONTES DOCUMENTAIS

Sainte-Claire et H. Debray Deville, (1857), *Des métaux du platinum et de leur traitement par la voie sèche*, Pt, Pd, Ir, Os, Rh, Ru;

J. Lewis Howe (1897), *Bibliography of the metals of Platinum group*, 1748 1896. Pt, Pd, Ir, Rh, Os, Ru;

J. Lewis Howe et H. C. Holtz (1919), *Bibliography of the metals of the Platinum group: platinum, palladium, iridium, rhodium, osmium, ruthenium*, 1748-1896;

E. Leidié, (1900), *Nouvelle méthode de séparation des métaux rares qui accompagnent le Platine: Ru, Os, Rh, Ir, Pd, Pt* ;

Sieverts et E. Jurisch, (1912), *Platin, Rhodium and Wasserstorff*;

H. L. Wells, (1889), *Sperrylite, a new mineral (arsenide of Platinum)*, Pt, Rh, Pd;



SENHOR ASSOCIADO

Os portes de cobrança ficam dispendiosos. Colabore mantendo um saldo, ou enviando anualmente no primeiro trimestre, o valor das suas quotas - 25€ para Portugal e 30€ para o estrangeiro - em cheque ou vale do correio.



Ensaio inédito de 500 Réis de D. Carlos em prata...

por Alberto Nunes da Silva



*Mod. – 31 mm; Peso – 13 gr.
Espessura – 2 mm; Eixo Horizontal*

Decorria o ano de 1899. Era o dealbar de um novo século que se aproximava. Com ele, a esperança de uma vida com condições decentes, num país fustigado de miséria e com uma taxa de analfabetismo que rondava os 74%.

Apesar disso é no ano de 1899 que nasce um dos nomes grandes da cultura portuguesa, o poeta José Régio.

Foi também nesta data que foi cunhado o ensaio que hoje apresentamos e ao qual dedicamos este breve texto. Este tem tanto de belo e de intrigante como de excepcional raridade.

27

Se à primeira vista, temos a percepção de termos na nossa mão uma vulgar moeda de 500 Réis, cunhada durante o reinado de D. Carlos e datada de 1899, ao olharmos com mais atenção e cuidado, poderemos ser surpreendidos. Agradavelmente surpreendidos, deve dizer-se...

É que, ao observarmos o seu reverso com alguma atenção, somos presenteados com um escudo diferente daqueles que conhecemos nas moedas de 500 Réis, cunhadas no reinado deste monarca português.



Moeda 1.000 Réis D. Carlos I

O escudo com as armas reais apresentado nesta presumível moeda de 500 Réis, é igual àqueles que figuram nas moedas de prata, mas com o valor de 1.000 Réis. Intrigante!



Um olhar mais atento e experiente, refinado por anos a avaliar e classificar moedas, revela-nos que se trata de um ensaio do rei D. Carlos.

Por definição, um ensaio é uma peça cuja gravação representa uma experiência, ou estudo dum cunho para uma moeda a cunhar. O ensaio pode ser feito no metal em que a moeda viria a circular ou em qualquer outro, de maior ou menor valor.

No caso presente, este ensaio é de prata. Da mesma matéria das moedas de 500 Reis, tão bem conhecidas e admiradas pelos coleccionadores das moedas portuguesas.

É realmente um ensaio, dado não ter havido cunhagem destas moedas para circulação. Podemos mesmo afirmar ser o único exemplar conhecido no círculo numismático, o que multiplica o seu interesse e valor.

Único conhecido, mas não o único cunhado certamente, dado que o gravador e os colaboradores mais importantes da casa da moeda, guardariam sempre um exemplar para si.

Os ensaios cuja cunhagem é muito limitada, como acontece normalmente com aqueles que são em metais de acrescido valor (ouro e prata), tornam-se raridades e enriquecem muito as colecções que os possuem, elevando o seu valor na proporção directa da sua raridade.

Algum dia, alguém escreveu que *“se os coleccionadores são geralmente qualificados de maníacos, devemos esclarecer que, de todas as manias a que o género humano está sujeito, a numismática é, sem dúvida a melhor de todas, não só por ser uma das mais interessantes, como a menos prejudicial, financeiramente falando”*.

Neste contexto, poderemos afirmar sem qualquer dúvida que esta peça irá tornar mais nobre, mais brilhante e muito mais rica a colecção que a recebeu.



Faça-se sócio da
SOCIETADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA



Rua Costa Cabral, nº 664, 4200-211 Porto • Telf. e Fax: +351 225 096 029



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

RESOLUÇÃO DO CONSELHO DE MINISTROS

N.º 25/2010, DE 4 MAR 2010

No ano de 2010 comemora-se o primeiro centenário da implantação da República, acontecimento que deve ser evocado e celebrado com um conjunto de iniciativas públicas e privadas, cujo enquadramento e programação se encontram definidas no Decreto-Lei n.º 17/2008, de 29 de Janeiro.

O Programa das Comemorações do Centenário da República, anexo à Resolução do Conselho de Ministros n.º 28/2009, de 27 de Março, assume como objectivos a evocação histórica dos acontecimentos de 1910, prestando homenagem à memória daqueles que se entregaram à causa da República, a promoção da reflexão colectiva sobre a identidade nacional, os valores da República e o desenvolvimento e o futuro das instituições políticas, o aprofundamento e divulgação do conhecimento histórico-científico sobre a República, a dinamização de iniciativas culturais diversificadas capazes de mobilizar a participação alargada da sociedade portuguesa, especialmente junto das gerações mais jovens e das comunidades portuguesas no exterior.

O Programa das Comemorações inclui igualmente a emissão de moedas alusivas à República e às comemorações do centenário, que é concretizada através da presente resolução.

Nesta conformidade, a emissão comemorativa de uma moeda corrente evocativa dos acontecimentos de 1910 vem honrar a memória daqueles que se entregaram à causa da República e reforçar a identidade nacional.

Foi ouvido o Banco de Portugal.

Assim:

Nos termos do n.º 2 do artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 246/2007, de 26 de Junho, e da alínea g) do artigo 199.º da Constituição, o Conselho de Ministros resolve:

1 - Autorizar a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A. (INCM), dentro do volume de emissão de moeda metálica aprovado pelo Banco Central Europeu, a cunhar, no ano de 2010, uma emissão comemorativa da moeda corrente de € 2, designada «Centenário da República», e a proceder à comercialização das correspondentes moedas com acabamento especial.

2 - Determinar que a emissão comemorativa de moeda corrente referida no número anterior apresenta as seguintes características visuais:

a) Na face comum é utilizado o desenho europeu constante da Comunicação da Comissão Europeia n.º 2006/C225/05, publicada no Jornal Oficial da União

Europeia, de 19 de Setembro de 2006;

b) Na face nacional, no campo central, é utilizada uma composição dos elementos mais significantes e simbólicos da República; a efigie e as armas da mesma e a legenda «REPÚBLICA PORTUGUESA 1910-2010» dispostos em arco sobre o escudo e, envolvendo todo o desenho, encontram-se dispostas em forma circular as 12 estrelas que representam a União Europeia.

3 - Aprovar o desenho da face nacional da emissão comemorativa de moeda corrente referida no n.º 1, que consta do anexo da presente resolução e que dela faz parte integrante.

4 - Estabelecer que, relativamente ao tipo de acabamento, as moedas produzidas ao abrigo da emissão comemorativa de moeda corrente referida no n.º 1 são cunhadas com acabamento normal e com acabamento especial do tipo «Brilhantes não circuladas» (BNC) ou «Provas numismáticas» (proof), de acordo com o fixado no artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 246/2007, de 26 de Junho.

5 - Determinar que as moedas com acabamento especial são devidamente protegidas e apresentadas em embalagens próprias.

6 - Fixar que o limite da emissão comemorativa de moeda corrente referida no n.º 1 é de € 4 070 000 e que, dentro deste limite, a INCM é autorizada a cunhar até 20 000 moedas com acabamento BNC e até 15 000 moedas com acabamento proof.

Presidência do Conselho de Ministros, 4 de Março de 2010. - O Primeiro-Ministro, José Sócrates Carvalho Pinto de Sousa.

ANEXO



No âmbito do plano numismático para 2010, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A., prevê cunhar seis moedas de colecção dedicadas a vários eventos ou efemérides.

Com as comemorações do Bicentenário das Linhas de Torres pretende-se dar uma maior visibilidade e divulgação a este património cultural e arquitectónico e, simultaneamente, recuperar a memória de tão importante facto histórico a nível nacional e europeu, justificando-se amplamente a cunhagem de uma moeda alusiva a este tema.

No prosseguimento da série «Uma Moeda Uma Causa», procede-se à cunhagem de uma moeda destinada a homenagear a acção dos bancos alimentares contra a fome, cuja actividade assenta na gratuidade, na dádiva, na partilha, no voluntariado e no mecenato, lutando contra o desperdício de alimentos encaminhando-os para distribuição gratuita às pessoas carenciadas.

Dando continuidade à série «Património da Humanidade», a cunhagem de uma moeda alusiva ao vale do Côa vem recordar que há mais de 20 000 anos o homem viveu no vale do Côa e aí deixou marcas da sua história, constituindo um legado único, que pela sua importância se encontra classificado pela UNESCO como património mundial.

No âmbito da série «Europa» afigura-se oportuna a cunhagem de uma moeda alusiva ao Terreiro do Paço, praça monumental, localizada na frente ribeirinha lisboeta, emblemática do património arquitectónico desta cidade.

E, ainda, no decurso do próximo ano realiza-se o Campeonato Mundial de Futebol na África do Sul, evento desportivo que suscita uma enorme adesão popular, cujos efeitos se estendem para além das fronteiras do território nacional, considerando-se, por isso, pertinente a cunhagem de uma moeda alusiva ao tema.

Por último, no âmbito da VIII Série Ibero Americana, pretende-se homenagear o escudo, moeda instituída com a implantação da República em 22 de Maio de 1911 e que vigorou até 28 de Fevereiro de 2002, altura em que a primeira moeda republicana portuguesa, já com 91 anos, deu lugar à moeda euro.

Foi ouvido o Banco de Portugal.

Assim:

Nos termos do n.º 2 do artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 246/2007, de 26 de Junho, e da alínea g) do artigo 199.º da

Constituição, o Conselho de Ministros resolve:

1 - Autorizar a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A. (INCM), a cunhar e comercializar as seguintes moedas de colecção:

a) Uma moeda designada «Linhas de Torres - 200 Anos das Guerras Peninsulares»;

b) Uma moeda designada «Banco Alimentar contra a Fome» integrada na série «Uma Moeda Uma Causa»;

c) Uma moeda designada «Sítio Arqueológico Vale do Côa» integrada na série dedicada ao património mundial classificado pela UNESCO em Portugal;

d) Uma moeda designada «Património Arquitectónico - Terreiro do Paço» integrada na série «Europa»;

e) Uma moeda designada «Campeonato Mundial de Futebol - África do Sul 2010»;

f) Uma moeda designada «Moedas Históricas - O Escudo» integrada na VIII Série Ibero Americana.

2 - Aprovar as seguintes características visuais das moedas de colecção referidas no número anterior:

a) A moeda «Linhas de Torres - 200 Anos das Guerras Peninsulares» apresenta no anverso, na coroa circular envolvente a legenda «República Portuguesa 2010», no campo central surge uma composição constituída pelo escudo nacional e pelo valor facial, que é completada por conjuntos de bombardas; no reverso figura, junto à orla da moeda, a inscrição «Bicentenário das Linhas de Torres» e, no campo central, são apresentadas as figuras de um oficial e de uma peça de artilharia que se sobrepõem a um diagrama das Linhas de Torres, onde se encontram assinaladas as localidades de Pêro Negro e Torres Vedras;

b) A moeda «Banco Alimentar contra a Fome» apresenta no anverso a representação de duas mãos a pegar no escudo, no campo inferior figura o valor facial, a era e legenda «Portugal»; no reverso, sob a forma de dois círculos concêntricos, apresentam-se diversos conjuntos de mãos que simbolizam a distribuição de alimento, no campo direito surge a legenda «Banco alimentar contra a fome»;

c) A moeda «Sítio Arqueológico Vale do Côa» apresenta no anverso, na orla inferior da moeda, o valor facial, no centro envolvendo o escudo nacional inscreve-se a legenda «República Portuguesa - 2010», como elemento de fundo surge um conjunto representativo de gravuras de arte rupestre; no reverso, no exterior, surge um conjunto de várias espécies de animais sobrepostas,



evidenciando um cavalo, à esquerda a palavra «UNESCO» e, no campo central, envolvendo circularmente o logótipo do «Património Mundial» inscreve-se a legenda «Sítio Arqueológico Vale do Côa»;

d) A moeda «Património Arquitectónico - Terreiro do Paço» apresenta no centro do anverso o escudo nacional, o valor facial e a era, enquadrados pela representação de um dos arcos que circundam a praça, e na parte inferior da orla a palavra «Portugal»; no reverso figura uma representação em perspectiva do Terreiro do Paço e na parte inferior da orla a expressão «Terreiro do Paço» e o logótipo da série;

e) A moeda «Campeonato do Mundo de Futebol - África do Sul 2010» apresenta no anverso a simulação de um mapa evidenciando o ambiente festivo da multidão que agita uma bandeira, onde figura o escudo nacional, o valor facial e, na orla, a expressão «Portugal»; no reverso, é representado o mapa de África, de onde se destacam a multidão e os jogadores, uma bola, o símbolo oficial dos campeonatos, a era e as legendas «Mundial da FIFA» e «África do Sul»;

f) A moeda «Moedas Históricas - O Escudo» apresenta no anverso, no centro do campo, as armas nacionais de Portugal circundadas pela legenda «República Portuguesa» e o valor facial, orladas pelas armas nacionais dos países participantes nesta série internacional; no reverso surge, na orla superior da moeda, a legenda «Moedas Históricas», evidenciam-se ainda três representações em forma de círculo, do lado esquerdo, a alegoria da república, no campo central, uma nau e, na orla inferior, a imagem da moeda de um escudo, ao centro figura a palavra «ESCUDO», onde se insere o escudo de armas e, abaixo, a era da moeda.

3 - Determinar que, relativamente aos tipos de acabamento, as moedas produzidas ao abrigo do disposto no nº 1 são cunhadas com acabamento normal e com acabamento especial, podendo ser do tipo «flor de cunho» (FDC) e do tipo «provas numismáticas» (proof), de acordo com o fixado no artigo 4.º do Decreto-Lei nº 246/2007, de 26 de Junho.

4 - Estabelecer que as moedas com acabamento especial são devidamente protegidas e apresentadas em embalagens próprias.

5 - Aprovar os valores faciais das moedas de colecção referidas no nº 1 do seguinte modo:

a) As moedas «Linhas de Torres - 200 Anos das Guerras Peninsulares», «Sítio Arqueológico Vale do Côa», «Património Arquitectónico - Terreiro do Paço» e

«Campeonato Mundial de Futebol - África do Sul 2010» têm o valor facial de € 2,50;

b) A moeda «Banco Alimentar contra a Fome» tem o valor facial de € 1,50;

c) A moeda «Moedas Históricas - O Escudo» tem o valor facial de € 10.

6 - Atribuir as especificações técnicas das moedas de colecção referidas no nº 1, consoante a moeda em causa, de acordo com o seguinte:

a) As moedas «Linhas de Torres - 200 Anos das Guerras Peninsulares», «Sítio Arqueológico Vale do Côa», «Património Arquitectónico - Terreiro do Paço» e «Campeonato Mundial de Futebol - África do Sul 2010» têm as seguintes especificações técnicas:

i) As moedas com acabamento normal são cunhadas em liga de cuproníquel com teor de níquel de 25% e uma tolerância de mais ou menos 1,5%, têm 10g de massa com uma tolerância de mais ou menos 3%, o diâmetro de 28mm e o bordo serrilhado;

ii) As moedas de prata com acabamento especial do tipo proof são cunhadas em prata 92,5%, com uma tolerância de mais ou menos 1%, têm 12g de massa com uma tolerância de mais ou menos 1,5%, o diâmetro de 28mm e o bordo serrilhado;

iii) As moedas de ouro com acabamento especial do tipo proof são cunhadas em ouro com um teor mínimo de 99,9%, têm 15,55g de massa com uma tolerância de mais ou menos 1%, o diâmetro de 28mm e o bordo serrilhado;

b) A moeda «Banco Alimentar contra a Fome» tem as seguintes especificações técnicas:

i) As moedas com acabamento normal são cunhadas em liga de cuproníquel, com teor de níquel de 25% e uma tolerância de mais ou menos 1,5%, têm 8g de massa com uma tolerância de mais ou menos 3%, o diâmetro de 26,5mm e o bordo serrilhado;

ii) As moedas com acabamento especial do tipo FDC são cunhadas em liga de cuproníquel, com teor de níquel de 25% e uma tolerância de mais ou menos 1,5%, têm 8g de massa com uma tolerância de mais ou menos 3%, o diâmetro de 26,5mm e o bordo serrilhado;

iii) As moedas com acabamento especial do tipo proof são cunhadas em prata 92,5% com uma tolerância de mais ou menos 1%, têm 10g de massa com uma tolerância de mais ou menos 1,5%, o diâmetro de 26,5mm e o bordo serrilhado;

c) A moeda «Moedas Históricas - O Escudo» tem as



seguintes especificações técnicas:

i) As moedas com acabamento normal são cunhadas em liga de prata, com teor de prata de 50% e uma tolerância de mais ou menos 1%, têm 27g de massa com uma tolerância de mais ou menos 1%, o diâmetro de 40mm e o bordo serrilhado;

ii) As moedas com acabamento especial do tipo proof são cunhadas em prata 92,5% com uma tolerância de mais ou menos 1%, têm 27g de massa com uma tolerância de mais ou menos 1,5%, têm o diâmetro de 40mm e o bordo serrilhado.

7 - Fixar os limites de emissão das moedas referidas no nº 1, do seguinte modo:

a) Relativamente às moedas «Linhas de Torres - 200 Anos das Guerras Peninsulares» e «Sítio Arqueológico Vale do Côa» o limite de cada uma das moedas é de € 312 500, sendo a INCM, dentro deste limite, autorizada a cunhar, de cada uma, até 5000 moedas em prata com acabamento especial do tipo proof;

b) Relativamente à moeda «Património Arquitectónico - Terreiro do Paço» o limite é de € 343 750, sendo a INCM, dentro deste limite, autorizada a cunhar até 15 000 moedas em prata com acabamento especial do tipo proof e 2500 moedas em ouro com acabamento especial do tipo proof;

c) Relativamente à moeda «Campeonato Mundial de Futebol - África do Sul 2010» o limite é de € 331 250, sendo a INCM, dentro deste limite, autorizada a cunhar até 12 500 moedas em prata com acabamento especial do tipo proof;

d) Relativamente à moeda «Banco Alimentar contra a Fome» o limite é de € 307 500, sendo a INCM, dentro deste limite, autorizada a cunhar até 100 000 moedas em cuproníquel com acabamento especial do tipo FDC e 5000 moedas em prata com acabamento especial do tipo proof;

e) Relativamente à moeda «Moedas Históricas - O Escudo» o limite é de € 1 120 000, sendo a INCM, dentro deste limite, autorizada a cunhar até 12 000 moedas em prata com acabamento especial do tipo proof.

8 - Conferir às moedas cunhadas ao abrigo da presente resolução poder liberatório apenas em Portugal, determinando que ninguém pode ser obrigado a receber num único pagamento mais de 50 destas moedas, excepto o Estado, através das Caixas do Tesouro, o Banco de Portugal e as instituições de crédito cuja actividade

consista em receber depósitos do público.

9 - Determinar que, ao abrigo do disposto no nº 2 do artigo 9.º do Decreto-Lei nº 246/2007, de 26 de Junho, seja afecto ao Fundo do Património Mundial da UNESCO 10% do diferencial entre os custos de produção e o valor facial das moedas alusivas ao «Sítio Arqueológico Vale do Côa», com acabamento normal, efectivamente colocadas junto do público pelo respectivo valor facial.

Presidência do Conselho de Ministros, 4 de Março de 2010. - O Primeiro-Ministro, José Sócrates Carvalho Pinto de Sousa.



Publicidade

Compra, Venda, Numismática, Filatelia, Galerias, Produtos, Livros, etc...

GALERIA FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DO PORTO

MOEDAS • NOTAS ANTIGAS • MEDALHAS • CARTAS E POSTAIS ANTIGOS • SELOS
NUMISMÁTICA E NOTAFILIA ESTRANGEIRA • MATERIAL “FAROL” E “LINDNER”

COMPRA

LIVROS PARA 2010

VENDA

World Coins • World Paper Money

Catálogo de Moedas e Notas de Portugal • Preçário das Moedas - € 9,50

ENVIAMOS À COBRANÇA

R. DO ALMADA, 307 • TEL.: 22 208 2192 • FAX: 22 200 0307 • 4050-038 PORTO



COMPRO / VENDO

MOEDAS E NOTAS PORTUGUESAS

NOTAS POR ASSINATURAS

Material de Apoio à Numismática e Notafilia
Preços especiais para revenda

CARMINDO DOMINGOS

(sócio nº 2735)

Telf: 229 719 348 Telem: 919 766 255
carmindodomingos@gmail.com

Rua António Costa Viseu, 108 - 3º dtº

4435-104 RIO TINTO

CONDECORAÇÕES E MEDALHAS ANTIGAS

COMPRO

J. Carmo Santos

Sócio Nº 2262

Apartado 1099 — 3001-505 Coimbra — Fax: 239 484 729

Email: numismarte@hotmail.com



Publicidade

Compra, Venda, Numismática, Filatelia, Galerias, Produtos, Livros, etc...



Dm
Capitolina
Numismática

Dinis A. Mesquita

Leilões ON-LINE
www.dmcapitolina.com
dmcapitolina@portugalmail.pt
Telem.: 00351 91 479 00 38

Beco das Pedreiras, N.º 13
4520-305 Fornos VFR - PORTUGAL

34



Numisporto

Ferreira Leite
Sócio 2233

COMPRA — VENDE
MOEDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS
MEDALHAS — NOTAS

Av. Comb. Grande Guerra, 610 - Loja 6 - 4200-186 PORTO
Telef. 22 550 2976 — Fax 22 550 3135

...tes Regnos por tanto...
...adar deuerlo...
...ccidentiu...
...presentium...
...Qua prop...
...imperatoris...
...gloriam con...
...et honorem be...
...aspice et ob amore...
...me virginis marie et por...

Novo Horário da Sede

A fim de melhor cobrir o período da tarde em que os nossos associados demandam a sede, esta passa a estar aberta entre as 15:30 e as 18:30 horas.

AMÉRICO BRITO



NOTAS, CHEQUES, CÉDULAS, ACÇÕES
BANKNOTES, LOCAL NOTES BONDS & SHARES

R. do Crucifixo,76 – 2.º Esq. Sala F – Lisboa
(METRO – BAIXA-CHIADO)

Correspondência: Apartado 22526
EC Socorro – 1147-501 LISBOA – PORTUGAL

Telefone/Fax: 213 256 864 • Telemóvel: 965 886 773 • E-mail: dalfacinha@sapo.pt

35



IRMÃOS CARVALHO COLECCIONISMO, LDA.

Compra e Venda

NUMISMÁTICA E NOTAFILIA

Visite-nos na Rua Ramalho Ortigão n.º 40
(a 50 metros da Câmara do Porto)
ou em

www.icc.com.pt

telefax: +351 222 017 172

geral@icc.com.pt

+351 961 797 546

+351 913 574 446





Publicações da Sociedade Portuguesa de Numismática

NVMMVS

N^os 31 a 34/35 e Vol. I, II, III 2^a série - 5€
Vol. IV/V/VI e seguintes - 12,50€

A PERMUTA

N^os ainda existentes, cada - 2€

CATÁLOGO GERAL DE CÉDULAS DE PORTUGAL

Dr. Mário S. Almeida

Edição em Papel normal c/aditamento - 15€

COLECÇÃO “ANEXUS NVMMUS”

1 - CIRCULAÇÃO MONETÁRIA DO NOROESTE DE HISPANIA ATÉ 192

Dr. Rui Centeno

(brochado) - 20€

(encadernado) - 25€

2 - APÓLICES DO REAL ERÁRIO, APÓLICES DE D. JOÃO, PRÍNCIPE REGENTE

Dr. Mário S. Almeida

(brochado) - 25€

(encadernado) - 30€

3- ENSAIOS SOBRE HISTÓRIA MONETÁRIA DA MONARQUIA VISIGODA

Mário Gomes Marques, J. M. Peixoto Cabral e J. Rodrigues Marinho

(brochado) - 20€

(encadernado) - 25€

4 - A MOEDA SUEVA

J. M. Peixoto Cabral e M. Metcalf

(brochado) - 20€

(Encadernado) - 25€

5- CIRCULAÇÃO MONETÁRIA NA ESTREMADURA PORTUGUESA, ATÉ AOS INÍCIOS DO SÉC. III

José da Silva Ruivo

(encadernado) - 13€

6 - TESOUROS MONETÁRIOS ROMANOS EM PORTUGAL: DA REPÚBLICA AO REINADO DE AUGUSTUS

M. Benedita C. da S. de Guínea Barbosa

(encadernado) - 15€

7 - O TESOURO MONETÁRIO TARDIROMANO DE CHAIRA (VINHAIS, BRAGANÇA)

João Paulo Barbosa

(encadernado) - 18€

8 - TESOUROS MONETÁRIOS BAIXO-IMPERIAIS ENTRE DOURO, AVE E TÂMEGA

José Marcelo Mendes Pinto

(encadernado) - 30€

Preçário de publicidade em “A Permuta”

Página Interior - 80€

Meia Página - 40€

1/4 Página - 13€

1/8 Página (só para associados) - 3€